



**UFOP**

Universidade Federal  
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**HISTÓRIA E LITERATURA EM DIÁLOGO: UMA ANÁLISE DE *KINDRED*, DE  
OCTAVIA E. BUTLER**

**GABRIELE RESENDE RIBEIRO**

**MARIANA**

**2025**

**GABRIELE RESENDE RIBEIRO**

**HISTÓRIA E LITERATURA EM DIÁLOGO: UMA ANÁLISE DE *KINDRED*, DE  
OCTAVIA E. BUTLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade Federal  
de Ouro Preto para a obtenção do título de  
Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira

**MARIANA**

**2025**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R484h Ribeiro, Gabriele Resende.

História e literatura em diálogo [manuscrito]: uma análise de Kindred, de Octavia E. Butler. / Gabriele Resende Ribeiro. - 2025.  
39 f.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira.

Coorientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Literatura. 2. Memória. 3. Identidade (Conceito filosófico). 4.  
Escravidão. I. Ferreira, Daniel Wanderson. II. Dulci, Tereza Maria Spyer.  
III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 82:94

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Gabriele Resende Ribeiro**

**História e literatura em diálogo: uma análise de *Kindred*, de Octavia E. Butler**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História

Aprovada em 18 de agosto de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto  
Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci - Universidade Federal de Ouro Preto

O Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/09/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Wanderson Ferreira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/09/2025, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0971407** e o código CRC **4F63ED4C**.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Maria e Orlando, pelo apoio em todas as etapas. Sem vocês, nada disso teria sido possível. Obrigada por me ensinarem, com o exemplo, o valor da honestidade e da generosidade. Amo-os com todo o meu coração!

Agradeço à minha irmã Mariela, que desde a infância me incentivou a ler e me mostrou o poder da literatura, e por me oferecer conselhos amorosos e sempre me motivar a não desistir. Você é minha maior inspiração!

Aos meus amigos, que caminharam ao meu lado durante a graduação: aqueles que iniciaram comigo em 2021, os que encontrei ao longo do percurso e aqueles com quem troquei sorrisos e palavras rápidas pelos corredores. Em especial, agradeço a Arielly, Lara e Juliene pela parceria, risadas, fofquinhas e pelo amor compartilhado. Agradeço aos amigos do trabalho que me acompanharam nesta reta final, por me ajudarem a aliviar a ansiedade e por tornarem o ambiente mais leve. Agradeço também ao pessoal que conheci nas aulas de Espanhol e de Libras, com vocês pude ter momentos de alegria em meio a tantos desafios.

Agradeço ao Neto, por estar ao meu lado com tanta paciência e incentivo. Em meio às dúvidas e aos momentos difíceis, sua presença foi um alívio. Obrigada por acreditar em mim, pelas conversas, pela escuta e até pelos silêncios e olhares que diziam tanto.

Ao professor Giovanni e aos alunos da Escola Estadual Dom Pedro II, em Ouro Preto, deixo meu reconhecimento e carinho. Com vocês, pude aplicar na prática o que aprendi ao longo do curso. Foi um período de crescimento que levarei comigo.

Ao meu professor e orientador, Daniel Wanderson Ferreira, agradeço pela atenção e pelos ensinamentos que me ajudaram a construir este trabalho com mais segurança e clareza. Agradeço também a Tereza Maria Spyer Dulci, pela disponibilidade e pelo compromisso em revisar meu trabalho com tamanha competência e cuidado. Estendo meu agradecimento a todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde a educação básica até a graduação. Em especial, agradeço à Dani, minha professora de História do Ensino Médio, por cada incentivo e palavra de apoio.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta trajetória. Levo cada momento com carinho!

## RESUMO

Esta pesquisa analisará o romance *Kindred: Laços de Sangue* (1979), da escritora afro-americana Octavia Estelle Butler, a partir do diálogo entre História e Literatura, com ênfase na literatura como recurso narrativo e crítico. O livro revisita o passado escravista dos Estados Unidos por meio da experiência de uma mulher negra contemporânea transportada ao século XIX, permitindo uma reflexão sobre os legados da escravidão e as continuidades das estruturas de opressão racial. O trabalho considera a literatura como uma forma de representação da experiência histórica, capaz de dar voz a sujeitos marginalizados e de questionar as narrativas hegemônicas. Nesse sentido, *Kindred* é abordado como uma narrativa que articula memória, identidade, ancestralidade e resistência, podendo ser lida sob uma perspectiva pós-colonial. Ao atravessar os limites entre realidade e ficção, o livro evidencia como a narrativa literária pode contribuir para ampliar os modos de compreensão do passado e da experiência humana.

**Palavras-chave:** Literatura; memória; identidade; escravidão; narrativa histórica.

## ABSTRACT

This research analyzes the novel *Kindred: Blood Ties* (1979), by African-American writer Octavia Estelle Butler, based on the dialogue between History and Literature, with an emphasis on literature as a narrative and critical resource. The book revisits the slave-owning past of the United States through the experience of a contemporary black woman transported to the 19th century, allowing for reflection on the legacies of slavery and the continuities of structures of racial oppression in the present. The study considers literature as a form of representation of historical experience, capable of giving voice to marginalized subjects and questioning hegemonic narratives. In this sense, *Kindred* is approached as a narrative that articulates memory, identity, ancestry, and resistance, and can be read from a postcolonial perspective. By crossing the boundaries between reality and fiction, the book highlights how literary narrative can contribute to broadening ways of understanding the past and human experience.

**Keywords:** Literature; memory; identity; slavery; historical narrative.

## SUMÁRIO

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução                                                                        | 7  |
| Capítulo 1: Diálogo entre História e Literatura                                   | 10 |
| Capítulo 2: <i>Kindred</i> : Ficção Científica e experiência histórica            | 17 |
| Capítulo 3: A resistência negra e a representação da escravidão em <i>Kindred</i> | 27 |
| Conclusão                                                                         | 31 |
| Referências                                                                       | 37 |

## Introdução

“Comecei a escrever sobre poder porque era algo que tinha muito pouco”. A frase que abre o romance *Kindred - Laços de Sangue*, escrito em 1979 pela escritora afro-americana Octavia Estelle Butler, narra a ausência histórica de poder e voz, além das profundas marcas que o racismo e o preconceito causam na trajetória dos indivíduos. Ao fazer essa afirmativa, Butler se insere em uma tradição de mulheres negras que escrevem para quebrar o silêncio e resgatar suas experiências. Conforme aponta bell hooks<sup>1</sup> em *Olhares negros: raça e representação*, Harriet Jacobs<sup>2</sup> utilizou sua autobiografia para denunciar as violências impostas pelo sistema escravista, especialmente os abusos sexuais contra mulheres negras, transformando seu corpo e sua voz em instrumentos de resistência (HOOKS, 2020, p. 91). Dessa mesma maneira, em *Kindred*, Octavia Butler recorre à ficção científica para reimaginar o passado e evidenciar as continuidades da opressão racial, demonstrando que a escrita pode ser, para as mulheres negras, uma forma política de subversão.

Ao entrelaçar passado e presente, por meio da ficção científica, o livro conduz o leitor a uma viagem visceral pelo passado escravista dos Estados Unidos no século XIX, que não se apresenta apenas como mera curiosidade histórica, mas como presença viva e estruturante da experiência negra contemporânea. A viagem no tempo operada por Butler não é apenas um recurso narrativo, mas também um mecanismo político e epistemológico que confronta o leitor com os traumas históricos que ainda persistem. Segundo Júlio Pimentel Pinto,

“a literatura pode ser, sim, uma forma aguçada de percepção, inclusive para a História. Graças à sua liberdade criativa e ao amplo aparato de recursos estéticos e de linguagem, a literatura pode perceber com agilidade o que outras narrativas demoram mais a notar” (PINTO, 2024, p.26).

Sendo assim, este trabalho parte da hipótese de que *Kindred* ultrapassa os limites da ficção ao mobilizar elementos narrativos capazes de gerar uma experiência histórica imersiva.

---

<sup>1</sup> bell hooks (pseudônimo de Gloria Jean Watkins, 1952–2021) foi autora, professora, teórica feminista e ativista antirracista norte-americana.

<sup>2</sup> Harriet Jacobs (1813–1897) foi uma escritora afro-americana que escapou da escravidão e se tornou abolicionista e reformista social. É autora da obra *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861), publicada sob o pseudônimo Linda Brent, na qual denuncia os abusos físicos e sexuais sofridos por mulheres escravizadas.

O romance *Kindred – Laços de Sangue* será analisado como uma narrativa literária que, ao mobilizar a ficção como ferramenta criativa e crítica, contribui para a reconstrução simbólica de vivências humanas historicamente apagadas. Butler se apropria da história e da memória como uma escritora cuja prioridade está na estrutura narrativa, na construção das personagens, na elaboração das situações e no trabalho com a linguagem, e não somente no compromisso com a fidelidade documental. Além disso, ainda que a protagonista e os demais personagens não tenham existência fora da ficção, as intrigas, situações, relações de poder, encontram referência no real, pois a autora se baseou em experiências que, foram verídicas enquanto experiências comuns durante a escravidão<sup>3</sup>. Ela parte de relatos e contextos históricos para construir uma trama própria, em que a imaginação ocupa papel central na reconstrução simbólica do passado. Nesse processo, a literatura não busca reproduzir fatos de maneira fiel, mas sim elaborar um outro ponto de vista por meio da criação estética, oferecendo ao leitor um mergulho sensível em camadas de sofrimento, resistência e identidade.

Diante disso, a escolha de analisar o livro é justificada pelo seu caráter inovador, unindo diversas camadas temporais e temáticas, tais como identidade, violência, resistência e memória. A originalidade de Butler reside em recorrer à ficção, tradicionalmente ocupada por perspectivas brancas e masculinas, para abordar questões raciais, de gênero e de opressão. Embora exista uma série de narrativas e romances sobre relações raciais, até então nenhuma autora de ficção científica havia alcançado ampla circulação, reconhecimento e impacto ao articular essas temáticas de forma tão enfática. Nesse sentido, consideraremos *Kindred* como uma leitura pós-colonial, como também um espaço de interação entre a história e a literatura, em que a experiência histórica é narrada a partir de uma perspectiva subjetiva, centrada no olhar de quem vivencia, em seu próprio corpo, as violências do passado. Segundo Trudier Harris<sup>4</sup>, “o que a escravidão na História negou aos negros americanos, a escravidão na história literária lhes concede: o poder de ter um pouco de controle sobre seus destinos.”<sup>5</sup> (HARRIS apud BORBA, 2021, p.24, tradução nossa).

---

<sup>3</sup> Em entrevista à escritora e jornalista Joshunda Sanders, publicada na revista *In.Motion*, Octavia Butler declarou: “Kindred foi um livro difícil de escrever por causa da pesquisa que tive que fazer. As narrativas de escravos, as histórias em geral. Li livros escritos por esposas de donos de plantações na Biblioteca Pública de Los Angeles. Infelizmente, alguns anos depois, alguém queimou.” (tradução nossa).

<sup>4</sup> Trudier Harris é uma estudiosa literária, autora, consultora de redação e educadora americana. Ela é professora emérita da Universidade do Alabama.

<sup>5</sup> No original: “What slavery in History denied to black Americans, slavery in literary history grants to them: the power to have a bit of control over their destinies.” (p. 475).

No primeiro capítulo do trabalho, investigaremos a relação entre história e literatura a partir da análise do romance *Kindred*, de Octavia Butler, destacando como a ficção poderá ampliar a compreensão do passado escravista e suas reverberações no presente. Além disso, discutiremos o diálogo entre essas duas formas narrativas e o papel da literatura como instrumento político capaz de dar voz a experiências marginalizadas. No segundo capítulo, aprofundaremos a utilização da ficção científica e da viagem no tempo para expor a brutalidade da escravidão e a importância da memória como forma de resistência. Por fim, no terceiro capítulo, abordaremos a representação da resistência negra e a complexidade histórica da escravidão nos Estados Unidos. Dessa forma, buscaremos evidenciar como Butler conecta passado e presente para reafirmar o poder das vozes dos indivíduos marginalizados.

## Capítulo 1: Diálogo entre História e Literatura

### 1.1 Narrativa e representação.

A análise de *Kindred* como uma obra que dialoga com a historiografia contribui para uma compreensão mais crítica e atenta do passado escravista, além de revelar as continuidades das formas de opressão racial e das estruturas de poder. De acordo com Hayden White, toda narrativa histórica é, em alguma medida, uma construção ficcional, uma vez que os fatos, por si só, não possuem um significado intrínseco, e é por meio da organização narrativa que os eventos ganham sentido (WHITE, 2005, p. 141). Dessa forma, tanto a literatura quanto a história apresentam características estruturais semelhantes, pois ambas são produções narrativas. Para White (2005), historiadores utilizam estratégias retóricas e esquemas literários semelhantes aos da ficção, como tropos, metáforas e formas de enredo, a fim de tornar o passado inteligível. Sendo assim, a escrita da história envolve escolhas discursivas que não são neutras, o que demonstra a proximidade entre o trabalho do historiador e o do escritor de ficção.

De acordo com Antônio Cândido (2004), a literatura desempenha um papel fundamental na formação das consciências individuais e coletivas. Para ele, a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, enquanto nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (CÂNDIDO, 2004, p. 180). De uma perspectiva mais ampla, Cândido define literatura como o conjunto de textos escritos, como as obras científicas, reportagens, notícias, textos de propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha, etc. (CÂNDIDO, 1970, p. 9). Essa interpretação abrangente torna possível compreender a literatura não apenas como forma de arte, mas também como uma trama que amplia horizontes éticos e afetivos, contribuindo, consequentemente, para a humanização dos sujeitos.

Além disso, a literatura se consolida como campo autônomo no processo de transição entre os séculos XVIII e XIX, justamente quando a história passa a buscar sua legitimação como disciplina e, de certa forma, como ciência, rompendo com os vínculos que a associavam às Belas-Letras (PROST, 1996, p.33). Essa separação estabelece uma divisão entre a literatura, que se concentra no campo da ficção, e a historiografia, que abrange o campo dos documentos. Dessa forma, o historiador deve elaborar suas teses a partir dos arquivos,

fundamentadas nos documentos. Por sua vez, a literatura, possui a capacidade de criar personagens e cenários imaginários. Contudo, ambas as abordagens compartilham um elemento fundamental: a linguagem cotidiana. Dessa forma, a literatura e a história criam suas narrativas por meio de mediações simbólicas, conceitos, imagens, signos e figuras de linguagem.

A disciplina de história é uma forma de interpretação sustentada por linguagem, escolhas narrativas e convenções culturais. De acordo com Edward Carr, “história significa interpretação” (CARR, 1961, p. 19) e, para compreendê-la, “o historiador deve usar a imaginação para entender a mente das pessoas com as quais está lidando e o pensamento que conduz seus atos” (CARR, 1961, p. 19). Isso se deve ao fato de que o historiador está inserido em um tempo histórico específico e inevitavelmente vinculado às condições de existência de sua própria época. Por sua natureza metodológica, a historiografia baseia-se na pesquisa documental rigorosa e na explicitação de seus métodos e fontes. De acordo com Antoine Prost, o discurso histórico fundamenta-se em fatos verificáveis, uma vez que os fatos constituem o elemento consistente, aquele que reside à contestação (PROST, 1996, p. 55). Sendo assim, o historiador deve fornecer ao leitor os meios para comprovar suas afirmações, mediante a apresentação de provas, citações e referências.

No entanto, tanto a literatura quanto a história privilegiam a prosa como forma e a linguagem como meio, o que significa que ambas são atravessadas por escolhas discursivas, e nenhuma delas representa os conceitos de forma direta ou neutra. Logo, a linguagem, nos dois casos, é sempre uma mediação, composta por significados, imagens e visões de mundo. Como afirma Sandra Pesavento,

“para construir a sua representação sobre o passado a partir das fontes ou rastros, o caminho do historiador é montado através de estratégias que se aproximam dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos” (PESAVENTO, 2006, p.5).

Nesse contexto, a literatura se apresenta como uma alternativa potente de representação, capaz de narrar experiências e construir memórias que frequentemente escapam aos arquivos oficiais. Sua diferença não reside apenas no vínculo com a ficção, mas sobretudo em sua capacidade de reinventar a linguagem, abrindo espaço para a imaginação e para a expressão da subjetividade. O escritor utiliza recursos figurativos de forma intencional, criando novas imagens, ritmos e sentidos, além de uma nova gramática sensível para dar voz

ao seu mundo. De acordo com Júlio Pimentel Pinto, “história e ficção são formas narrativas e ambas constroem a experiência que vivemos, com recursos de que dispõem e com os compromissos que assumem” (PINTO, 2024, p. 5). Além disso, “precisamos de ambas para interpretar o passado, para pensar sobre o presente e para inventar futuros.” (PINTO, 2024, p.5).

## 1.2 A literatura e a experiência histórica.

A pesquisa historiográfica estrutura-se tradicionalmente com base em fontes documentais e em uma abordagem analítica, articulando-se nos lugares de produção socioeconômica, política e cultural (CERTEAU, 1982, p.66). No entanto, essa perspectiva privilegia sujeitos historicamente reconhecidos como centrais no processo civilizatório ocidental, sendo eles: homens, brancos, letrados e pertencentes às elites sociais, em detrimento de outras experiências e vozes. Como argumenta Michel de Certeau (1982), a escrita da história é diretamente ligada a um lugar social de produção, por redes institucionais e por relações de poder que determinam o que pode ser dito e registrado. Dessa forma, os silenciamentos que marcam a historiografia são lacunas e efeitos estruturais de um discurso que opera a partir de critérios específicos de legitimidade e autoridade. Reconhecer essa dinâmica nos permite questionar os fundamentos da narrativa histórica e buscar, por meio de outras formas de representação, a reconstrução crítica da experiência de sujeitos marginalizados. Sendo assim, a literatura atua como uma linguagem complementar à história, sem o objetivo de substituir as fontes, mas sim, ampliando o acesso às dimensões subjetivas, afetivas e coletivas da memória que escapam aos critérios da historiografia tradicional.

Conceição Evaristo<sup>6</sup> estabelece o conceito de *escrevivência* como uma escrita que nasce da memória e da experiência cotidiana dos sujeitos subalternizados, atravessada por marcas históricas que escapam à objetividade e à frieza dos arquivos oficiais. Ao escrever com o corpo, com a dor e com a memória, não se trata apenas de narrar histórias individuais, mas de incorporar presenças silenciadas pela história oficial, inscrevendo-as na narrativa. Para Conceição Evaristo, a *escrevivência* não é somente uma forma de expressão pessoal, ela se configura como uma escrita que, ao emergir da experiência singular, alcança o coletivo, tornando-se uma ferramenta de resistência e de afirmação da identidade.

---

<sup>6</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946–) é escritora e professora brasileira, nascida em Belo Horizonte. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua produção literária é marcada pela valorização da cultura negra e da afro-brasilidade. Em 2024, foi eleita imortal da Academia Mineira de Letras, tornando-se a primeira mulher negra a ocupar esse lugar.

“(…) Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si.” (EVARISTO, 2020, p.35).

Portanto, *a escrevivência* constitui-se como uma escrita que emerge da experiência vivida, da memória e da dor inscrita nos corpos de sujeitos subalternizados. Essa prática narrativa, ao recusar o apagamento e o silenciamento promovidos pela história oficial, afirma-se como um gesto de resistência no presente. Nesse sentido, o conceito rompe com a lógica apontada por Michel de Certeau em *"A beleza do morto"*, segundo o qual a cultura popular só passa a ser reconhecida pelas instituições quando seu potencial de subversão já foi suprimido. Como observa o autor, “foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada. Tornou-se, então, um objeto de interesse porque seu perigo foi eliminado” (CERTEAU, 1995, p. 55). Ao contrário desse processo de fetichização da memória após sua neutralização, a escrita de Conceição Evaristo propõe uma narrativa viva, insurgente, que não depende da legitimação institucional para existir. Trata-se de uma escrita que, ao partir do individual, alcança o coletivo e que não apenas representa experiências, mas as afirma enquanto presença ativa e interventiva no presente, recusando-se a ser tratada como vestígio ou resquício de um passado encerrado.

Além disso, Saidiya Hartman, autora do livro *Cenas da sujeição* (1997), tinha a convicção de que vivia em um mundo marcado pela escravidão, pois “a vida do cativo e da mercadoria certamente não foi meu passado, mas sim o limiar da minha entrada no mundo”. Para ela, “a relação entre a escravidão e o presente era aberta, inacabada” (HARTMAN apud PEREIRA, 2024, p.2). Nesse sentido, Hartman investe em uma escrita que recusa os contornos reconfortantes das narrativas de redenção, constrói uma narrativa de intervenção potente, justamente porque confronta o leitor com as marcas da violência, da perda e do apagamento histórico que permeiam a experiência negra (HARTMAN apud PEREIRA, 2024, p.2).

No entanto, esse tipo de enredo é frequentemente considerado inadequado ou “impróprio” por um mercado editorial que privilegia histórias de superação, finais felizes ou edificantes. Esse tensionamento entre a dor real e a expectativa de redenção também atravessa *Kindred*, cuja protagonista, ao retornar repetidamente ao passado escravista, não encontra libertação, mas sim o confronto constante com a desumanização e a complexidade das relações raciais. Logo, a narrativa se constrói, não como promessa de redenção, mas como

testemunho da continuidade da violência. Ao fazer isso, *Kindred* se aproxima de Hartman, dando forma ao que foi historicamente silenciado, mesmo que isso signifique habitar o desconforto.

No livro *Kindred*, de Octavia Butler, essa perspectiva fica evidente de forma intensa, pois a protagonista Dana, ao ser transportada para o passado escravocrata, não observa a história de fora: ela a sente, em seu próprio corpo. Nesse contexto, a experiência da escravidão não está apenas documentada em livros, mas também é uma vivência sensorial e cotidiana que envolve medo, violência, dor, trabalho e, sobretudo, resistência. Além disso, em *Kindred* acompanhamos em primeiro plano o cotidiano dos escravizados, as ações de resistência, os afetos compartilhados, os conflitos interpessoais, o medo constante, a solidariedade e os limites da liberdade. Trata-se de uma representação que não se interessa apenas pelos grandes fatos históricos, mas pelas múltiplas camadas de vida que compõem o universo da escravidão. Deste modo, a literatura, apresenta-se como uma ferramenta privilegiada ao narrar o cotidiano do sofrimento, as resistências, as vozes e as experiências das mulheres negras.

Para Angela Davis<sup>7</sup> (2016) as experiências das mulheres negras, sobretudo no contexto da escravidão e do pós-emancipação, foram apagadas ou distorcidas tanto pela historiografia dominante quanto por certas correntes feministas e marxistas. No livro *Mulheres, raça e classe* (2016), Davis reconstitui a atuação política, social e cultural das mulheres negras, ressaltando sua capacidade de resistência em meio à opressão. Ao examinar as histórias marginalizadas, embora cada vez mais reconhecidas pela historiografia crítica, Davis (2016) reforça a ideia de que a experiência histórica deve abranger as práticas do cotidiano, o trabalho invisível, o sofrimento, a maternidade forçada, o cuidado e o corpo enquanto espaço político dessas mulheres. Assim, ao integrar essas dimensões, há maior ampliação dos marcos interpretativos da história, valorizando outros aspectos experienciados pelos indivíduos.

De acordo com Michel-Rolph Trouillot, as presenças e ausências manifestadas em fontes (artefatos e corpos que convertem um evento em fato) ou arquivos (fatos coletados, tematizados e processados como documentos e monumentos) não são neutras e tampouco naturais, mas sim criadas e construídas por práticas discursivas e institucionais

---

<sup>7</sup> Angela Yvonne Davis (1944–) é professora, filósofa e ativista socialista norte-americana, reconhecida mundialmente por sua militância antirracista, feminista e pelos direitos humanos. Davis esteve ligada ao Partido Comunista dos Estados Unidos e ao movimento dos Panteras Negras. Seu livro mais reconhecido, *Mulheres, Raça e Classe*, oferece uma análise profunda das intersecções entre racismo, sexismo e desigualdade social.

(TROUILLOT, 2016, p.85). O que se registra é resultado de escolhas ativas, influenciadas por relações de poder e pelos meios disponíveis de produção histórica, e nesse processo, silenciam-se pessoas, eventos e experiências. Dessa forma, cada fato traz consigo não apenas o que revela, mas também aquilo que deixa de fora, pois todo acontecimento, ao ser transformado em narrativa histórica, produz sentido e, ao mesmo tempo, silencia outras possibilidades de significado (TROUILLOT, 2016, p. 86). Portanto, os silêncios são constitutivos da história e são também efeitos estruturais de desigualdades, orientados por critérios que privilegiam certas narrativas, com o intuito de produzir uma história considerada mais coerente e que tende aos discursos hegemônicos ocidentais.

Não é por acaso que *Kindred* se dedica a recontar a história da escravidão nos Estados Unidos. O livro apresenta escolhas narrativas que evidenciam as consequências históricas da escravidão, cujos efeitos persistem mesmo mais de um século após a abolição formal nos Estados Unidos. O recorte temporal presente na narrativa, situado em 1976 no presente de Dana, ano do bicentenário da independência norte-americana, revela a contradição de um país que celebra a liberdade, mas ainda carrega nas suas estruturas sociais as marcas profundas de um passado escravocrata.

Além disso, *Kindred* contesta a representação histórica dos negros como sujeitos passivos, ao evidenciar que, mesmo diante da violência e da opressão, havia mobilização, resistência e agência. A própria data de publicação do romance, na década de 1970, coincide com o auge do período pós-Movimento dos Direitos Civis. Esse contexto se refletia na presença crescente de intelectuais negros no meio acadêmico e no cenário público, que passaram a questionar estereótipos raciais amplamente difundidos até então, como o arquétipo do negro malandro, a valorização exclusiva do corpo atlético e a representação das mulheres negras restritas ao espaço doméstico e ao papel de cuidadoras. A contestação dessas imagens contribuiu para uma reavaliação mais profunda da história dos Estados Unidos, abrindo espaço para uma compreensão mais plural das narrativas.

O livro também surge como uma resposta direta aos comentários que Octavia Butler ouviu de jovens negros norte-americanos que minimizavam os horrores da escravidão, afirmando que, se tivessem vivido naquela época, jamais teriam tolerado tamanha humilhação. Em entrevista publicada em 2004 pela revista *In.Motion*, Butler revela o quanto tais afirmações, marcadas por uma visão ingênua e descolada da realidade histórica, incomodavam-na profundamente. Sua intenção ao escrever o romance foi justamente

confrontar esse imaginário distorcido, construindo uma narrativa que não apenas ensinasse sobre a crueldade do sistema escravista nos Estados Unidos, mas que também fizesse o leitor sentir o que significaria sobreviver à condição de escravizado, tornando aquele tempo “emocionalmente real”.

Segundo Butler, *Kindred* alcança públicos diversos por oferecer uma forma sensível e intensa de acessar um passado incômodo, por meio da narrativa contada na visão de uma mulher negra que vivencia diretamente a degradação imposta pelo regime escravista. Sendo assim, o romance pode ser lido como uma narrativa que dialoga com os pressupostos da crítica pós-colonial, ao apresentar uma visão contra-hegemônica da história. Em vez de reiterar as versões legitimadas por instituições coloniais, a narrativa se volta para a recuperação de vozes silenciadas, memórias apagadas e experiências subalternas. Com isso, o livro revela a complexidade das relações entre colonizador e colonizado, evidenciando os mecanismos de dominação, exploração e também de resistência que atravessam essas experiências históricas.

Dessa forma, a valorização de fontes marcadas por raça e resistência não apenas enriquece a compreensão histórica, como também desestabiliza as estruturas de poder e os regimes de verdade construídos a partir da colonialidade. Ao elaborar uma narrativa em que uma mulher negra contemporânea é transportada ao passado escravocrata dos Estados Unidos, Octavia Butler propõe uma leitura que pode ser compreendida sob uma perspectiva pós-colonial, ao confrontar os discursos históricos hegemônicos e reinscrever no centro da narrativa um corpo que historicamente foi marginalizado. Dana não apenas testemunha os horrores da escravidão, ela os vive, encarna e narra, rompendo com o lugar do negro como mero objeto da sociedade e afirmando-se como sujeito que pensa, age e resiste. Nesse sentido, *Kindred* mobiliza a ficção como um instrumento político e epistemológico, que questiona as continuidades da dominação racial, a persistência das violências coloniais no presente e os mecanismos simbólicos que sustentam essas opressões. A literatura desempenha um papel crucial na criação de uma narrativa que desafia o modelo dominante da narrativa histórica. Assim, ao articular crítica, memória e imaginação, *Kindred* reafirma o potencial da ficção como um instrumento de disputa de sentidos sobre o passado.

## Capítulo 2: *Kindred*: Ficção Científica e experiência histórica

### 2.1 Octavia Butler e o contexto de produção de *Kindred*.

A escritora norte-americana Octavia Estelle Butler nasceu em 22 de junho de 1947, em Pasadena, Califórnia. Ela é reconhecida como uma das maiores autoras de ficção científica do século XX, destacando-se por introduzir em suas narrativas temas raciais, de gênero, classe e poder. Octavia Butler foi criada por sua mãe e avó em um ambiente familiar marcado pelo rigor religioso. Cresceu em meio às tensões da segregação racial nos Estados Unidos. Desde a infância, acompanhava a mãe no trabalho como empregada doméstica, onde pôde observar de forma concreta as diferenças no tratamento destinado aos negros em contraste com os privilégios concedidos aos brancos.<sup>8</sup>

Ao longo de sua carreira, Octavia Butler recebeu diversos prêmios relevantes da ficção científica contemporânea. Sendo eles, o Prêmio Hugo<sup>9</sup> (em 1984 e 1985), o Prêmio Nebula<sup>10</sup> (em 1984) e o Prêmio Locus<sup>11</sup>, além de menção honrosa no Prêmio James Tiptree Jr<sup>12</sup>. pelo tratamento inovador de questões de gênero. Em 1995, Butler se tornou a primeira autora de ficção científica a ser contemplada pela bolsa *MacArthur Fellowship*, também chamada de “*Genius Grant*”, destinada a pessoas que fizeram contribuições criativas notáveis. O seu reconhecimento foi além da ficção científica, sendo postumamente homenageada em 2010 com sua entrada no *Science Fiction Hall of Fame*<sup>13</sup>. Octavia E. Butler faleceu em 2006, aos 58 anos, deixando escrito quatorze livros de ficção.

---

<sup>8</sup> NATIONAL WOMEN'S HISTORY MUSEUM. *Octavia Estelle Butler*. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/octavia-estelle-butler>.

<sup>9</sup> O Prêmio Hugo é concedido anualmente desde 1955, é o prêmio mais prestigiado da ficção científica. O nome é em homenagem a Hugo Gernsback, o fundador da pioneira revista de ficção científica *Amazing Stories*.

<sup>10</sup> O Prêmio Nebula, é concedido anualmente pelo Science Fiction and Fantasy Writers of America (SFWA), para os melhores trabalhos de ficção científica/fantasia publicados nos Estados Unidos. O Nebula concede prêmios em cinco categorias diferentes: *romance, novela, noveleta, conto e roteiro*.

<sup>11</sup> O Locus Award é uma categoria de prêmios literários votados pelos leitores da revista de ficção científica e fantasia Locus Magazine, estabelecido no início dos anos 1970.

<sup>12</sup> O Prêmio James Tiptree Jr. ou Prêmio Otherwise é um prêmio literário que reconhece obras de ficção científica e fantasia que exploram ou expandem a compreensão do gênero.

<sup>13</sup> O Hall da Fama da Ficção Científica é um programa de reconhecimento e também se refere a uma coleção de obras significativas de ficção científica Foi criado em 1996 para homenagear indivíduos e suas contribuições ao gênero de ficção científica.

Octavia E. Butler é uma das principais referências do “*Afrofuturismo*”, conceito creditado ao crítico literário Mark Dery<sup>14</sup> em 1994. O termo tem como objetivo designar produções artísticas que combinam elementos da ficção especulativa<sup>15</sup>, explorando possibilidades que não estão presentes na realidade, seja no passado, presente ou futuro, com o protagonismo negro. Além disso, o termo abrange diversas expressões musicais e cinematográficas, o que permite imaginar futuros alternativos a partir de perspectivas negras. Nesse sentido, essa denominação surge em um campo historicamente marginalizado, apesar de ter havido progressos significativos nas últimas décadas, a autoria negra ainda enfrenta desafios estruturais relacionados ao racismo e à hierarquização dos gêneros literários.

Uma das características que torna os escritos de Octavia Butler relevantes é a ampliação das possibilidades da ficção científica. Em seus trabalhos, Butler tratou de temas sociais complexos privilegiando protagonistas negros, especialmente mulheres, abordando temas como racismo, escravidão, colonialismo, relações de poder e identidade. *Kindred: Laços de Sangue*, originalmente publicado em 1979, foi traduzido para o português em 2017, pela Editora Morro Branco, que, desde então, tem incentivado a publicação de suas obras no Brasil, o que tem contribuído para o acesso à literatura especulativa afro-americana.

Em *Kindred*, acompanhamos a trajetória de Dana Franklin, uma mulher negra e escritora que vive em 1976 e repentinamente, é transportada para o período escravista dos Estados Unidos pré-Guerra Civil, especificamente em Maryland, no início do século XIX. As viagens no tempo ocorrem quando Rufus, um dos seus antepassados brancos, enfrenta um perigo iminente, o que leva Dana a enfrentar os horrores da escravidão e as complexas dinâmicas de poder presentes nesse período histórico. A primeira viagem ocorreu no dia do 26º aniversário de Dana. De repente, ela se encontra às margens de um rio, onde um garoto está se afogando. Ela, instintivamente, corre para salvá-lo, e em seguida, se depara com uma espingarda apontada por um homem branco. Em seguida, Dana retorna à sala de estar em 1976, encharcada e repleta de lama, a ação dura alguns minutos, deixando-a profundamente perplexa. Assim, durante a narrativa Dana precisa garantir a própria sobrevivência e assegurar a continuidade de sua linhagem familiar, ela é obrigada a proteger Rufus, um garoto moldado pelo contexto histórico, cujas atitudes são marcadas por preconceitos e atitudes opressoras.

---

<sup>14</sup> Mark Dery nasceu em 1959 em Braintree, Massachusetts, é um escritor, palestrante e crítico cultural. Em seu ensaio “*Black to the Future*”, publicado em 1994, ele popularizou o termo “*Afrofuturismo*”.

<sup>15</sup> O termo “ficção especulativa” tem sua criação atribuída ao escritor Robert A. Heinlein (1907-1988), que o utilizou pela primeira vez em 1947 no ensaio “*On the writing of speculative fiction*”.

## 2.2 Memória e viagem no tempo: articulações entre passado e presente.

“(...) Eu estava em casa, e então, do nada, estava aqui ajudando você. Não sei como acontece, como me locomovo dessa maneira, nem quando vai acontecer. Não consigo controlar. – Para mim, está se tornando cada vez mais crível. Não gosto disso. Não quero me envolver nisso. Não entendo como pode estar acontecendo, mas é real. É doloroso demais pra não ser. E... e meus ancestrais (...)” (BUTLER, 2017, p.34-74).

A viagem ao passado realizada por Dana em *Kindred* não é apenas um deslocamento físico, mas também uma experiência histórica que a coloca em contato direto com a realidade brutal do sistema escravocrata nos Estados Unidos. Essa travessia temporal permite observar a experiência concreta das violências e desumanizações impostas aos negros escravizados, possibilitando à protagonista e ao leitor um embate com as estruturas de opressão racial. Embora a personagem não explique o motivo pelas viagens ocorrerem, ao longo da leitura, fica evidente que o objetivo é expor a essência desumana do sistema escravocrata.

A singularidade de *Kindred* no uso da viagem ao passado reside na maneira como Octavia Butler utiliza esse recurso não como fantasia ou escapismo, mas sim como um instrumento de imersão física e emocional na narrativa. O encontro forçado e repetido com o passado requer que a personagem confronte a herança histórica da escravidão e perceba como seus efeitos ainda estão presentes no mundo contemporâneo, uma vez que ela ainda enfrenta violências, seja pelo seu casamento inter-racial ou pela sua cor. Desse modo, *Kindred* não idealiza a viagem no tempo: ela a torna incômoda, urgente e politicamente relevante, enfatizando a importância da memória, da ancestralidade e da consciência histórica como componentes fundamentais na construção da identidade.

A passagem em que Dana começa a ligar suas memórias ao passado vivido é reveladora da complexidade entre identidade, ancestralidade e pertencimento. Ao ouvir o sobrenome Weylin, a lembrança retorna de forma fragmentada, ativando memórias que estavam adormecidas:

“— A fazenda Weylin. Meu pai se chama Tom Weylin.  
— Weylin... – O nome acionou uma lembrança, algo em que não se pensava há anos.  
(...) — E... tem uma garota negra, talvez escrava, chamada Alice, que mora por aqui, em algum lugar? – Eu não sabia o sobrenome da garota, ao certo. A lembrança estava voltando em fragmentos.  
— Claro. Alice é minha amiga.

— Ah, é? Então talvez... — Parei de falar enquanto meus pensamentos se apressavam em unir os fatos. O Estado era o mesmo, a época, o nome incomum, a garota Alice...

(...) Bem, talvez, se eu não estivesse totalmente louca, se não estivesse no meio da alucinação mais perfeita da qual já tinha ouvido falar, se a criança à minha frente fosse de verdade e estivesse dizendo a verdade, talvez ele fosse um de meus antepassados.

Talvez fosse meu tataravô, que permanecia vagamente vivo na lembrança de minha família, porque sua filha tinha comprado uma Bíblia grande numa caixa de madeira entalhada e começado a guardar registros da família dentro dela. Meu tio ainda a tinha.

Avó Hagar. Hagar Weylin, nascida em 1831. O nome dela era o primeiro relacionado. E ela escrevera os nomes dos pais dela como sendo Rufus Weylin e Alice Green-Alguma coisa Weylin.

(...) — Eu...só pensei que pudesse conhecer alguém da família dela. — Faz muito tempo que não vejo a pessoa em quem estou pensando. Mentira. Mas era melhor do que dizer a verdade. Por mais jovem que o garoto fosse, achava que ele questionaria minha sanidade se eu contasse a verdade” (BUTLER, 2017, p. 45-46)

É por meio do conhecimento de sua história, da memória viva, que Dana consegue se localizar temporal e socialmente ao ser transportada ao passado. Ao reconhecer Rufus e Alice, nomes já conhecidos da genealogia de sua família, ela não apenas compreende sua posição naquele tempo, mas também procura se adaptar à nova realidade que é imposta. Sendo assim, a descoberta de Dana evoca uma lembrança afetiva e familiar ligada à sua ancestralidade, revelando um passado preservado não apenas nos registros escritos, como os nomes anotados por Hagar na “Bíblia” da família, como também nas histórias orais, elemento fundamental de transmissão de memória entre os indivíduos escravizados, uma vez que elas constituem uma forma de resistência e preservação identitária.

Dessa forma, a memória ocupa um papel central na construção da identidade e é a partir da memória coletiva que se constituem também os fundamentos da identidade de um povo e da narrativa histórica que o representa. De acordo com Pierre Nora,

“a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9).

Essa memória viva e mutável contrasta com a suposta objetividade dos arquivos e das narrativas oficiais da história, que, por sua vez, na literatura, ao incorporar experiências individuais e coletivas, torna-se um espaço privilegiado para a preservação e reconstrução

dessas memórias. Maurice Halbwachs (2006) entende que a memória individual está inevitavelmente vinculada à memória do grupo, e é a memória coletiva, que dá sentido ao vivido e sustenta a continuidade de uma sociedade. A viagem ao passado vivida por Dana, então, não é apenas um recurso narrativo de ficção científica, mas um gesto político de reinscrição da memória coletiva da diáspora africana e da escravidão, sendo um enfrentamento direto com o trauma histórico.

Outro fator importante na ficção científica, é a viagem ao futuro, tema recorrente em diversas narrativas do gênero, que tem como objetivo principal imaginar possibilidades a partir de projeções do presente, explorando temas como progresso, distopia, utopia e impactos das decisões humanas ao longo do tempo. Ao contrário das viagens ao passado, essas narrativas se concentram na construção de cenários que funcionam como metáforas ou advertências sobre questões contemporâneas. O livro *1984*<sup>16</sup>, de George Orwell, ilustra esse tipo de narrativa ao projetar um futuro opressivo como crítica aos regimes totalitários do século XX. Nesses cenários, os personagens frequentemente se deparam com sociedades tecnologicamente avançadas ou em colapso, em que o confronto não é com a ancestralidade ou a memória, mas com o perigo ou a expectativa do que ainda está por vir. No entanto, as duas escolhas narrativas incentivam uma reflexão acerca da responsabilidade coletiva, destacando as consequências éticas, sociais e ambientais.

A ficção científica surge como um tipo de narrativa que entrelaça fato científico com visão antecipativa (SCHINZARE, 2024, p.41). Originada no contexto do século XVIII, em um cenário marcado pela pós Revolução Industrial, ela propõe imaginar futuros possíveis a partir de transformações tecnológicas e científicas. Judith Merrill<sup>17</sup>, uma das poucas vozes femininas da ficção científica na década de 1950, adota o termo “ficção especulativa” proposto por Robert A. Heinlein em 1947, e compreende o gênero como um meio de explorar, descobrir e aprender, por meio da projeção, analogia e experimentação de hipóteses, aspectos da natureza do universo, do ser humano ou da realidade, sempre com base em princípios próximos ao método científico (SCHINZARE, 2024, p. 43). A ficção científica apresenta

---

<sup>16</sup> Publicado em 1949, “*1984*”, de George Orwell, é uma das obras mais emblemáticas da ficção científica distópica. Através da construção de um regime totalitário que controla a linguagem, a memória e os meios de comunicação, a narrativa utiliza elementos especulativos para realizar uma crítica política e social.

<sup>17</sup> Judith Merrill foi uma escritora, editora e ativista política norte-americana. Um dos poucos nomes femininos na ficção científica dos anos 1950 e uma das precursoras da “*new wave*” (gênero da ficção científica que focava em personagens humanas, seus relacionamentos e sentimentos).

múltiplas vertentes e temáticas como *cyberpunk*<sup>18</sup>, imortalidade, ficção científica *hard*<sup>19</sup>, *afrofuturismo*, *new weird*<sup>20</sup>, realidades paralelas, viagens no tempo etc. Ela se distingue da literatura fantástica ao fundamentar seu estranhamento em possibilidades racionais, e não em elementos sobrenaturais. Desse modo, as tramas emergem de fatos do mundo real e de suposições derivadas de decisões científicas, abrindo espaço também para questionar teorias historicamente consolidadas, explorar falhas humanas e imaginar alterações em leis físicas ou conceitos já estabelecidos.

### 2.3 Dana como figura central: identidade, resistência e silenciamento.

“— (...) Olha, seus antepassados sobreviveram àquela época, sobreviveram com menos vantagens do que você tem. Você não é inferior a eles.  
— De certo modo, sou.  
— De que modo?  
— Na força. Na resistência. Para sobreviver, meus antepassados tinham que enfrentar mais do que eu conseguiria. Muito mais. (...)”  
(BUTLER, 2017, p.81-82).

Em *Kindred*, a experiência de viajar no tempo de Dana é motivada não por sua vontade, mas sim pela iminência da morte de Rufus, seu antepassado branco. Essa dinâmica, que desloca Dana de forma voluntária para o século XIX, pode ser comparada ao poder simbólico da branquitude sobre os corpos negros, mesmo na realidade “pós-escravista” de Dana em 1976. Ao ser convocada para o passado pelo sofrimento de um homem branco, Dana é forçada a reviver a dor e a violência da escravidão. Portanto, sua presença naquele período, não é neutra nem passiva, trata-se de um corpo negro ligado a um passado de opressão, cuja sobrevivência depende da preservação da vida do agressor, que também é seu ancestral.

Ao contrário de uma observadora alheia, Dana se envolve ativamente nos eventos que presencia. Apesar de precisar, muitas vezes, ocultar sua instrução, inteligência e autonomia, características que a colocariam em risco imediato, ela encontra formas de resistência e age estrategicamente. Ela ensina escravizados a ler, compartilha rotas de fuga, questiona comportamentos e, sobretudo, tenta intervir na formação moral de Rufus, em uma tentativa de evitar que ele reproduza a lógica violenta dos comportamentos de seu pai, Tom Weylin.

<sup>18</sup> O *cyberpunk* apresenta o cenário da alta tecnologia, em que os computadores são fundidos a seres humanos, apresenta também a inteligência artificial, *hackers*, cidades altamente tecnológicas, realidade virtual, etc.

<sup>19</sup> A ficção científica *hard* prioriza as ciências exatas, os personagens são engenheiros e astronautas, apresenta também fenômenos astronômicos e físicos, e o uso de tecnologia como solução dos problemas.

<sup>20</sup> *New weird* mistura ficção científica, horror e fantasia. Normalmente é uma história urbana que se mistura com o surrealismo.

Entretanto, essa luta ocorre de forma clandestina, uma vez que o ambiente escravocrata não permite que ela seja abertamente manifestada, já que o local é cercado pelo dono da propriedade e pelos feitores. A necessidade de sobrevivência obriga Dana a silenciar sua subjetividade e a manter uma constante negociação entre sua identidade do século XX e a identidade que é forçada a assumir no século XIX. Além disso, a linguagem de Dana se destaca em meio aquela realidade escravocrata, pois sua forma de se expressar revela não somente sua origem em um contexto histórico distinto, mas também sua formação e autonomia, o que contradiz as normas que eram impostas às pessoas negras no contexto do século XIX. Isso fica evidente durante a conversa com Nigel, escravizado de Tom Weylin, quando sua maneira de expressar desperta atenção e desconfiança.

“— Por que cê fala igual os branco? - perguntou Nigel.

— (..) É assim mesmo que eu falo.

— Mais igual os branco que alguns branco.

Procurei pensar em uma explicação aceitável.

— Minha mãe lecionava - falei

— Uma professora preta?

Eu me retraí e assenti com a cabeça.

— Os negros livres podem dar aulas. Minha mãe falava como eu. Ela me ensinou.

— Vai ter problema - disse ele - O Senhô Tom já não gosta d'ocê. Fala certo demais e veio de um estado livre. Ele não qué preto nenhum aqui falando mais direito do que ele, enfiando ideia de liberdade na nossa cabeça” (BUTLER, 2017, p. 119).

Nesse sentido, o embate de Dana não é apenas físico, pois, para existir naquele passado, ela deveria negar a si mesma, pois a negação de sua formação, conhecimento e linguagem se tornava uma condição necessária para sua existência no século XIX. A tensão atinge seu ponto máximo quando Dana descobre que sua linhagem é resultado do estupro de Alice Greenwood cometido por Rufus. Em um dos diálogos com Dana, Alice deixa claro: “Meu estômago embrulha sempre que ele me toca!”. Mas ela suportava (...) Era muito difícil vê-lo machucando-a, saber que ele tinha que continuar ferindo-a para que minha família existisse (BUTLER, 2017, p. 288-289). Dessa forma, fica evidente que a descendência de Dana carrega em sua origem a marca de violência, um sinal claro da lógica de dominação sexual, racial e social imposta aos corpos negros durante o período da escravidão. Dana revela ao leitor sua fragilidade mediante à situação a qual é submetida, enfatizando o sofrimento que seus ancestrais tiveram que enfrentar.

A viagem no tempo em *Kindred* é mediada pelo corpo de Dana, que funciona como uma espécie de máquina do tempo. A materialidade da travessia é brutalmente evidente no desfecho da narrativa, quando Dana, ao tentar matar Rufus para escapar de uma tentativa de estupro, retorna ao presente mutilada, sem parte do braço. Essa mutilação final pode ser lida como uma metáfora de dor, violência e controle sobre os corpos negros. Nesse sentido, a metáfora é utilizada como uma ferramenta para comparar experiências históricas, permitindo construir uma compreensão mais vívida dos efeitos da escravidão sobre o corpo e a subjetividade negra. Por meio dela, a narrativa confere densidade à violência, revelando como os traumas do passado não são apenas lembrados, mas sim vividos no presente.

O conceito de *necropolítica*, proposto por Achille Mbembe<sup>21</sup> (2018), permite compreender como as formas de gestão da morte herdadas da escravidão moderna continuam a influenciar nas estruturas sociais contemporâneas. Ao mostrar a persistência das lógicas do *plantation*, que são os espaço de controle, de violência e de subjugação racial, Butler demonstra que os mecanismos de desumanização que determinam a escravidão ainda moldam as relações sociais, especialmente no que diz respeito ao corpo negro. Dessa forma, Dana, ao ser violentada e controlada de forma sistemática, pode ser lida como um exemplo daquilo que Mbembe (2018) descreve como um corpo submetido à soberania da morte, seja pela violência física direta, pela precariedade de vida imposta ou pela negação sistemática de sua humanidade.

No cruzamento entre a literatura e a história, *Kindred* revela que o passado escravista não está encerrado no tempo, mas se perpetua por meio dos mecanismos de dominação que moldam subjetividades, controlam corpos e sustentam hierarquias raciais. Ao evidenciar que a vida de Dana, uma mulher negra do século XX, está sempre sujeita à vontade de um homem branco, Butler demonstra a continuidade de formas de poder que, segundo Mbembe, configuram os chamados “*mundos da morte*” que são espaços sociais onde grande quantidade de pessoas são reduzidas à condição de mortos-vivos (MBEMBE, 2018, p.71), mantidas em condições precárias, marcadas pela exclusão, pelo silenciamento e pelo controle. Portanto, ao destacar essa dinâmica, *Kindred* não só expõe a lógica da *necropolítica*, como também tensiona as fronteiras entre o passado e o presente, convocando o leitor a identificar os mecanismos de opressão racial que ainda se mantêm.

---

<sup>21</sup>Achille Mbembe é um filósofo, historiador e teórico camaronês nascido em 1957, conhecido por seus estudos sobre escravidão, descolonização e negritude.

A presença de Dana no século XIX revela de maneira contundente a desumanização do corpo negro no sistema escravocrata, cuja lógica era profundamente utilitarista. A evocação do corpo de Dana sempre ocorre em situações de perigo envolvendo Rufus, demonstrando que sua existência está vinculada a uma função específica de preservar a vida do homem branco. Assim, em uma sociedade que atribui valor ao sujeito negro à sua capacidade laboral, Dana é obrigada a desempenhar um papel de produtora de força física, chegando a ser enviada para trabalhar nos campos e, assim como os demais escravizados, é castigada com chicotadas. A brutalidade se manifesta não somente através da violência física, mas também por meio da violência psicológica. Os castigos são públicos, os escravizados são obrigados a assistir aos açoites, os espaços onde vivem são precários e insalubres, e suas identidades são constantemente negadas. O corpo negro, nesse contexto, é reduzido a instrumento e produto explorado para sustentar a lógica econômica escravista, que foi fundamental para a consolidação do capitalismo nas colônias. Tentativas de transgredir essa função imposta e de exercer autonomia representam uma ameaça à ordem escravocrata e são severamente reprimidas. Em uma das passagens do livro, Dana é brutalmente espancada ao ser flagrada por Tom Weylin auxiliando Nigel a ler, um gesto que, naquele contexto, é interpretado como uma afronta à estrutura de dominação

“(..) — Eu te tratei bem - disse Weylin - e você retribui me roubando! Roubando meus livros! Lendo! (..)

Em seguida, pegou-me pelo braço e me arrastou em direção à porta. (..) Não sei de onde o chicote saiu, mas não vi que seria açoitada. Mas fui. Senti como se houvesse um ferro quente em minhas costas, ardendo em mim através da camisa fina, rasgando minha pele. (..) Pensei que Weylin quisesse me matar. Pensei que morreria no chão ali com a boca cheia de terra e sangue, com um homem branco me repreendendo enquanto me batia. Naquele momento, quase quis morrer. Qualquer coisa que me tirasse a dor” (BUTLER, 2017, p.172-173).

Em uma conversa com a personagem Sarah, escravizada responsável por cuidar da casa de Tom Weylin, Sarah alerta Dana sobre as consequências que a fala pode gerar, uma vez que, se alguém ouvisse a conversa entre elas, comentários poderiam chegar aos ouvidos dos Weylins. Nesse sentido, o discurso de Dana é, também, uma busca por se situar naquele universo, na sociedade e no período histórico, ou seja, é uma tentativa de constituir uma identidade em meio a discursos e relações inconstantes, as quais refletem ideologias opressoras em relação aos negros.

“Era por isso que eu estava aqui? (...) Eu tomei cuidado. Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel de

escrava, prestava atenção a meus modos provavelmente mais do que precisava, pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. Pelo que percebi, não podia fazer muito. (...) E o silêncio, de qualquer modo, parecia mais seguro”. (BUTLER 2017, p. 47-148-66).

Além disso, Dana, assim como seus ancestrais, tiveram que aprender a lidar com a realidade da Maryland do século XIX e suas consequências. Como escravizada, ela aprendeu a tolerar a vida naquele período, sujeitando-se a uma sociedade que poderia feri-la ou matá-la de forma brutal pelo fato de ser uma mulher negra. Sua experiência demonstra, de forma dolorosa, como o sistema escravocrata era sustentado por um ódio gratuito e profundamente enraizado. De acordo com Spivak (2010), “(...) a fala do subalterno e do colonizado é sempre intermediada pela voz de outrem” (SPIVAK, 2010, p.16) e, ainda, “no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e nem voz, enquanto o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p.17). Dado que as vozes dos subalternos são enfaticamente silenciadas pelo discurso dominante, a versão que tende a prevalecer é aquela produzida pelas instituições de poder. Desse modo, há impedimentos para que esses indivíduos se inscrevam no discurso como agentes de sua própria história, o que os condena ao silêncio. Portanto, o romance de Butler pretende alertar sobre as raízes do racismo, a desigualdade e a luta travada pelos ancestrais negros em defesa de seus direitos à vida e à liberdade.

Os episódios que envolvem Alice Greenwood, que nasceu livre, mas é transformada em escrava por conta do capricho de Rufus, sugerem que a dominação atinge sua forma mais crua, quando o desejo do senhor de escravos por uma mulher negra é confundido com amor. Essa dinâmica nos faz pensar na análise de Angela Davis (2016), ao afirmar que quando era lucrativo explorar as mulheres como se fossem homens, elas eram vistas como desprovidas de gênero; quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 24). Dessa forma, como mulheres, as escravizadas estavam especialmente vulneráveis às formas mais brutais de coerção e abuso, sobretudo o sexual. Enquanto os castigos mais violentos aplicados aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres negras eram submetidas a essas mesmas violências físicas, mas também ao estupro sistemático (DAVIS, 2016, p. 26).

### Capítulo 3: A resistência negra e a representação da escravidão em *Kindred*

“— Você está lendo a história, Rufe. Vire algumas páginas e encontrará um homem branco chamado J.D.B. DeBow dizendo que a escravidão é boa porque, entre outras coisas, ela dá aos brancos pobres alguém a quem menosprezar. Isso é história. Aconteceu, não importa se te ofende ou não. Uma boa parte dela me ofende, mas não tem nada que eu possa fazer em relação a isso” (BUTLER, 2017, p. 226).

A escravidão nos Estados Unidos foi um sistema complexo e dinâmico, que se desenvolveu ao longo de quase três séculos e está profundamente presente nas estruturas sociais, econômicas e políticas do país. De acordo com Ira Berlin<sup>22</sup> autor do livro *Gerações de Cativo* (2006), não se trata de uma instituição estática, mas sim de um processo histórico vivido por diferentes gerações de africanos e afro-americanos, cujas experiências variavam de acordo com o tempo, o espaço e as relações de poder. Berlin (2006) demonstra que, apesar da violência sistemática, os escravizados resistiram, criaram famílias, desenvolveram práticas religiosas e culturais próprias, e construíram laços comunitários. Diante dessas questões, entendemos que, ao reconstituir o cotidiano das fazendas, a linguagem, a hierarquia entre os sujeitos e as maneiras de resistência dos escravizados, Butler constrói uma crítica que dialoga diretamente com os estudos históricos de Berlin. Ambos se recusam a simplificar a escravidão como um episódio encerrado, mantendo a ênfase nas suas continuidades, contradições e legados.

A escravidão nos Estados Unidos, especialmente no Sul do país, onde a economia agrícola dependia do trabalho forçado de negros escravizados para o cultivo de algodão, tabaco e outras culturas foi um sistema de extrema violência. Enquanto o Sul mantinha sua riqueza e poder político na manutenção desse sistema escravista, o Norte desenvolveu com uma economia mais industrializada. No entanto, Ira Berlin (2006) destaca que, enquanto no Sul as relações escravistas se intensificavam e se fortaleciam com os lucros das plantações, no Norte, após as ondas revolucionárias, mudanças estavam em andamento. Além disso, em algumas regiões a abolição foi mais rápida do que em outras. Contudo, a liberdade para os negros não significava igualdade no Norte e muito menos proteção contra ataques dos brancos

---

<sup>22</sup> Ira Berlin (1941–2018) foi um historiador americano, nascido em Nova York e professor na Universidade de Maryland. Berlin desenvolveu seu interesse pela história dos africanos e seus descendentes nos Estados Unidos a partir de seu engajamento nas marchas pelos direitos civis e na luta por igualdade racial durante a década de 1960.

sulistas, uma vez que o Norte auxiliou na captura e envio de escravizados para os senhores sulistas.

Maryland era um estado localizado no nordeste do país, abrigava tanto propriedades escravistas quanto comunidades afro-americanas livres, configurando um ambiente social complexo. Em 1861, as crescentes tensões entre os estados do Norte e do Sul, especialmente em relação à escravidão, levaram à Guerra Civil. Embora Maryland estivesse localizada ao sul da Linha *Mason-Dixon*, antiga linha de fronteira entre as colônias da Pensilvânia, Virgínia, Delaware e Maryland, que, após a abolição gradual da escravidão na Pensilvânia em 1781, passou a simbolizar a divisão entre estados escravistas e abolicionistas; o estado permaneceu aliado à União, que era composta pelos estados do Norte. E em 1864, a escravidão foi finalmente abolida em Maryland<sup>23</sup>. Dessa forma, o cenário histórico reforça a complexidade da ambientação escolhida por Octavia Butler, que ao situar grande parte da narrativa em Maryland, explora um território marcado por ambiguidades sociais e políticas, em que a coexistência entre escravidão e liberdade, repressão e resistência espelha as próprias contradições dos Estados Unidos em relação à liberdade e à cidadania.

Após a Guerra Civil, as Leis Jim Crow consolidaram uma nova forma de manter a estrutura social herdada da escravidão. Vigentes de 1877 até meados da década de 1960, essas leis institucionalizaram a segregação racial e marginalizaram a população afro-americana. Elas restringiam o acesso de pessoas negras a espaços públicos, escolas, transportes, empregos e até ao direito de voto (DAVIS, 2016, p.123). Além disso, a violência racial, incluindo linchamentos, era amplamente utilizada para sustentar esse sistema de opressão. A derrubada efetiva das Leis Jim Crow só começou a ocorrer nas décadas de 1950 e 1960, impulsionada pelo movimento dos Direitos Civis.

Em 1850, Maryland tornou-se uma parte importante da *Underground Railroad*<sup>24</sup>, uma rede secreta que transportava escravos de regiões escravistas para regiões onde a escravidão não era permitida. Além disso, a atuação de Harriet Tubman<sup>25</sup> uma mulher negra nascida no estado que fugiu da escravidão a pé pela rota, e posteriormente, retornou diversas vezes para

---

<sup>23</sup> ALADRÉN; VIANA; SECRETO, *História da América II*, (p.33-34).

<sup>24</sup> *Underground Railroad* é um conjunto de rotas secretas e pontos de parada clandestinos que escravos usavam para conseguir chegar ao Canadá ou ao México. O termo “*underground*” era usado no sentido de secreto, e o termo “*railroad*” foi adotado porque os códigos de fuga eram baseados na terminologia das ferrovias.

<sup>25</sup> Harriet Tubman foi uma abolicionista e ativista americana. Nascida escravizada, Tubman escapou e fez missões para resgatar cerca de 300 pessoas escravizadas, incluindo familiares e amigos, usando a rede de ativistas e abrigos.

liderar outros escravizados rumo à liberdade, foi crucial, conforme destacado por Angela Davis

“nenhuma discussão sobre o papel das mulheres na resistência à escravidão estaria completa sem um tributo a Harriet Tubman por seu extraordinário ato de coragem ao conduzir mais de trezentas pessoas pelas rotas da *Underground Railroad*” (DAVIS, 2016, p.37).

Dentro disso, a dimensão histórica é representada de forma simbólica em *Kindred*, por meio da relação de Dana com o conhecimento histórico. Em uma das passagens do romance, ela carrega consigo livros do século XX que discutem o processo de abolição da escravatura nos Estados Unidos, repletos de textos e imagens de personagens históricos. Assim, quando Rufus folheia um desses livros, reage dizendo que é a maior besteira abolicionista que já viu (BUTLER, 2017, p. 226). No entanto, Dana percebe, na página seguinte, retratos de figuras fundamentais para o movimento abolicionista, como Sojourner Truth<sup>26</sup>, Frederick Douglass<sup>27</sup>, Nat Turner<sup>28</sup> e Denmark Vesey<sup>29</sup>.

“(...) E havia outra história que ele não deveria ler. Grande parte dela ainda não tinha acontecido. Sojourner Truth, por exemplo, ainda era escrava. (...) E havia duas crianças escravas importantes bem ali em Maryland. (...) uma que vivia aqui no Condado de Talbot, chamaria-se Frederick Douglas. (...) A segunda, no Condado de Dorchester, era Harriet Ross, que acabou se tornando Harriet Tubman. Um dia ela custaria muito dinheiro aos donos das fazendas da Costa Leste ao guiar trezentos de seus escravos fugitivos à liberdade. (...) E mais ao Sul, em Virginia, um homem chamado Nat Turner (BUTLER, 2017, p.226-227).

Vale destacar que, ao longo da narrativa, Dana recorre com frequência a livros de história, lendo trechos e mencionando figuras relevantes. Nesse sentido, o romance de Butler desperta a atenção para o processo de construção da memória histórica do povo negro, apresentando personagens revolucionários que, ao longo do tempo, foram ignorados pela historiografia oficial, apesar de sua atuação em prol da liberdade, dignidade e igualdade. A presença dessas figuras no enredo não apenas demonstra o esforço de Dana em preservar e transmitir a memória de resistência de seu povo, como também reforça o papel da ficção

<sup>26</sup> Sojourner Truth, nascida Isabella Baumfree por volta de 1797, foi uma abolicionista e ativista pelos direitos das mulheres afro-americanas nos Estados Unidos. Conhecida por seu discurso "*Ain't I a Woman?*", ela lutou contra a escravidão e pela igualdade de gênero.

<sup>27</sup> Frederick Douglass, nascido em 1818 foi um reformador social, abolicionista, orador e escritor americano. Ele foi uma figura chave no movimento pelos direitos civis dos afro-americanos no século XIX.

<sup>28</sup> Nat Turner foi um escravo americano que liderou uma rebelião de escravos e negros livres no Condado de Southampton, na Virgínia, em 21 de agosto de 1831.

<sup>29</sup> Denmark Vesey foi um homem negro livre e líder comunitário em Charleston, Carolina do Sul, que foi acusado e condenado por planejar uma grande revolta de escravos em 1822.

como um instrumento de valorização das vozes que foram apagadas pelos discursos oficiais. Dessa forma, ao fazer referência a essas lideranças, Butler enfatiza que a luta contra a escravidão e o racismo não se deu de forma passiva, mas foi marcada por ações de enfrentamento. Portanto, o ato de Dana ao ler, guardar e compartilhar essas narrativas representa uma forma de insurgência contra o apagamento histórico, ao mesmo tempo, em que convida o leitor a reconhecer a atuação dos sujeitos negros na construção ativa da liberdade.

Octavia Butler, conhecida como a “grande dama da ficção científica”, não se limita à imaginação de futuros distópicos, mas também apresenta a realidade histórica de um povo que enfrentou experiências brutais. Além disso, o percurso de Dana espelha, de maneira simbólica, aspectos da própria experiência de Octavia Butler, que cresceu como uma menina negra em meio às políticas de segregação racial, enfrentando o racismo estrutural e o descrédito em relação à sua capacidade. Da mesma forma que Dana teve que reafirmar sua identidade e voz em meio à violência do passado escravista, Butler também precisou lutar para se impor no presente, em um campo literário majoritariamente dominado por homens brancos.

## Conclusão

As vozes das mulheres negras são, com frequência, silenciadas nas narrativas históricas, bem como nos espaços de produção de conhecimento. Romper com esse silêncio constitui um ato político radical, pelo qual a palavra e a escrita se tornam instrumentos de libertação e reconfiguração das margens do discurso. Ao falar e escrever, as mulheres reivindicam o direito à existência e à visibilidade em domínios que historicamente as excluíram. Os silêncios presentes na história não são lacunas neutras, mas indícios de que as estruturas de poder determinam o que pode ou não ser lembrado. Nesse contexto, a literatura surge como um campo promissor para a construção de contra-narrativas de caráter historiográfico, sendo, portanto, importante tomá-la como fonte histórica ou, minimamente, objeto de reflexão dos historiadores. Ao imaginar e dar forma ao não-dito, a ficção desafia as narrativas hegemônicas ao propor a inclusão de sujeitos historicamente marginalizados no centro da produção.

Frequentemente, o discurso ficcional e o discurso histórico se confundem. Não se trata de pensar a literatura enquanto retrato fiel de uma realidade, sabe-se que seu papel é justamente ultrapassar o plano do vivido, redimensionando-o. No entanto, por meio de uma narrativa ficcional, é possível revelar estruturas e segredos de uma sociedade. Como aponta Sandra Pesavento (2006),

“a literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam (...) porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo” (PESAVENTO, 2006, p. 7).

Nesse sentido, torna-se pertinente questionar: não é justamente a interação entre realidade, criação e imaginário que define a ficcionalidade? Mesmo que parta de eventos ou figuras históricas, a ficção se vale da criação e da imaginação para elaborar sentidos próprios, sem que isso invalide sua potência de revelação. Nesse contexto, a ficção torna-se uma via de acesso a um passado marcado por silenciamentos, funcionando tanto como gesto de memória quanto como exercício de imaginação. Sua função é preencher lacunas deixadas pela memória fragmentada e pela historiografia tradicional, oferecendo novas possibilidades de

compreensão sobre aquilo que não foi registrado, mas que ainda reverbera nas estruturas sociais e afetivas do presente.

De acordo com Antoine Compagnon em seu ensaio *Literatura para quê?*, a literatura deve ser lida e estudada porque oferece um meio de preservar e transmitir experiências dos outros, daqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida (COMPAGNON, 2009, p.47). Ao narrar as experiências de Dana, Octavia Butler percorre regiões da experiência que outros discursos tendem a negligenciar, mas que a ficção reconhece em seus detalhes, tal como enfatiza Compagnon (2009, p.50). Dessa forma, a literatura causa incômodo, desconforto e traz apelo às emoções e à empatia. A ficção literária, ao se articular com a história, apresenta-se como um instrumento de conhecimento e resistência, capaz de revelar as experiências de indivíduos que, por longo tempo, foram negligenciadas.

Pensando nisso, propomos uma aula que busca aprofundar a compreensão dos estudantes sobre o papel ativo e o protagonismo das pessoas negras na luta contra a escravidão nas Américas, destacando as diversas formas de resistência que marcaram essa história. Ao articular a análise do livro *Kindred* (1979) e do filme *Harriet: O Caminho para a Liberdade* (2019), utilizaremos ferramentas além dos livros didáticos, pois esses recursos são poderosos ao representar e reimaginar experiências vividas por personagens que simbolizam coragem, estratégia e luta por liberdade. Além disso, a aula estimulará o pensamento crítico e o debate sobre a memória da escravidão, apresentando o contexto histórico do sistema escravista nos Estados Unidos. Ao relacionar essas narrativas com a realidade atual, pretende-se despertar a consciência dos estudantes sobre as formas de resistência, o racismo e a desigualdade que ainda persistem, promovendo uma reflexão que ultrapassa o âmbito histórico e contribui para a construção de uma visão mais crítica da sociedade.

**Plano de aula**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| NÍVEL: Ensino Médio                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | ANO: 2º ano |
| COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1 Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. |             |
| TÍTULO DA AULA: Personalidades negras que fizeram História.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |             |
| OBJETOS DO CONHECIMENTO: Livro “ <i>Kindred</i> - laços de sangue” e o filme “ <i>Harriet</i> - O caminho para liberdade”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |             |
| HABILIDADES: (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.                                                                                                                                                                    |             |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>OBJETIVOS:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Compreender o papel ativo de pessoas negras na luta contra a escravidão nas Américas. (Quais formas de resistência foram praticadas por pessoas escravizadas? Que riscos essas pessoas correram ao lutar por sua liberdade? Quais nomes conhecemos quando falamos de resistência à escravidão?)</li> <li>2. Estimular o pensamento crítico e o debate sobre a memória da escravidão, destacando o protagonismo de homens e mulheres negros (Exemplos: Sojourner Truth, Harriet Tubman, Frederick Douglass, Nat Turner e Denmark Vesey).</li> <li>3. Refletir sobre a importância da literatura como forma de representar e reimaginar o passado.</li> <li>4. Analisar o filme “Harriet” e trechos do livro <i>Kindred</i> como formas de representar a resistência negra. (Como o filme representa a coragem, estratégia e resistência de Harriet? O que o filme nos ensina sobre a Underground Railroad? Como as</li> </ol> | <p><b>CONTEÚDO:</b></p> <p>Sistema escravista nos Estados Unidos no século XVII a XIX.</p> <p>Harriet Tubman e <i>Underground Railroad</i>.</p> <p>O papel das mulheres negras na resistência.</p> <p>A abolição da escravatura nos Estados Unidos e o pós Guerra Civil.</p> | <p><b>ATIVIDADES:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura guiada do livro <i>Kindred</i>, de Octavia Butler. (50 minutos)       <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Dividir a turma em grupos de 5 pessoas e distribuir trechos selecionados do livro, que retratem a experiência de Dana ao ser transportada para o século XIX, confrontando diretamente a realidade da escravidão (10 minutos).</li> <li>b) Cada grupo deverá ler e discutir seu trecho, buscando identificar: Quais sentimentos a leitura despertou? Que relações conseguem traçar entre o que leram e o contexto histórico da escravidão nos Estados Unidos? Como Dana reage às violências e desigualdades raciais? É possível identificar atitudes de resistência? (20 minutos).</li> <li>c) Após a leitura, reunir a turma em roda de conversa para que os grupos compartilhem suas percepções, promovendo a troca de interpretações e reflexões sobre as conexões entre literatura, memória e história (20 minutos).</li> </ol> </li> <li>2. Exibição de trechos do filme “Harriet - O caminho para a liberdade”. (50 minutos)</li> </ol> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>experiências de Dana em <i>Kindred</i> nos fazem refletir sobre a escravidão?).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Apresentar trechos marcantes que mostram a primeira fuga de Harriet Tubman; seu retorno para libertar outras pessoas escravizadas, etc. (35 minutos)</li> <li>b) Conduzir uma discussão que articule o filme com o livro <i>Kindred</i>, a partir de questões como: Quais semelhanças de Harriet e Dana podemos ver? Que formas de resistência cada uma apresenta diante da sociedade escravista? O que essas histórias revelam sobre as raízes do racismo? É possível estabelecer paralelos entre o que elas viveram e situações atuais? (15 minutos).</li> <li>c) Ao final do debate espera-se estimular a curiosidade para acompanhar a trajetória completa de Harriet Tubman no filme e explorar a complexa narrativa de Dana em <i>Kindred</i>, ampliando o entendimento sobre resistência, memória e história.</li> </ul> |
| <p><b>AVALIAÇÃO:</b> Cada estudante deverá escrever uma carta endereçada a Dana e Harriet, expressando suas impressões sobre as experiências vividas por ambas, destacando sentimentos, reflexões e aprendizados que considerem importantes para compreender o protagonismo negro e a luta contra a escravidão. Além disso, deve-se avaliar a participação nas discussões, nos debates, e o envolvimento com os materiais trabalhados e a criatividade na produção escrita.</p> |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. MEC/SEB: Brasília: 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 06 de agosto de 2025.

BERLIN, Ira. Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Record, 2006.

BUTLER, Octavia E. *Kindred – Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2017.

CARNEIRO, Anita Natividade. Harriet Tubman: O papel da mulher negra na resistência à escravização nos Estados Unidos da América. Revista Aedos, v. 11, n. 24, p. 189-209, 2019.

HARRIET: O CAMINHO PARA A LIBERDADE. Direção: Kasi Lemmons. Estados Unidos: Focus Features, 2019. 125 min.

SAMPAIO, Maria Clara Carneiro; ARIZA, Marília BA. Narrativas de mulheres escravizadas nos Estados Unidos do século XIX. Estudos Avançados, v. 33, n. 96, p. 179-198, 2019.

## Referências:

- ALADRÉN, Gabriel; VIANA, Larissa; SECRETO, María Verónica. *História da América II*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2011. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/9ed703c9ae16b26584b943899d5816c2.pdf>.
- AZEVEDO, Danrlei de Freitas; TEIXEIRA, Felipe Charbel. Escrita da história e representação: sobre o papel da imaginação do sujeito na operação historiográfica. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 9, p. 68-90, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BERLIN, Ira. Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- BORBA, Camile Fernandes. *Kindred – laços de sangue de Octavia Butler: uma ode à memória sob o manto da ficção*. 2021. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- BUTLER, Octavia E. *Kindred – Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2017.
- CÂNDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- COMPAGNON, A. Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Bradini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo editorial, 2016.
- DE OLIVEIRA, Leticia. Pele negra, máscaras do tempo: Leituras sobre legado escravista e utopias através da viagem no tempo em *Kindred* e *Dawn* de Octavia Butler. *Magma*, n. 20, p. 183-191, 2024.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HEINLEIN, Robert A. On the writing of speculative fiction. Science fiction criticism: An anthology of essential writings, p. 17-21, 1947. Disponível em: [https://mab333.weebly.com/uploads/3/2/3/1/32314601/writing\\_sf - 01\\_on\\_the\\_writing\\_of\\_s peculative\\_ficiton.pdf](https://mab333.weebly.com/uploads/3/2/3/1/32314601/writing_sf_-_01_on_the_writing_of_speculative_ficiton.pdf). Acesso em 13 de julho de 2025.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

LEVIN, Luciano Guillermo. Tudo é ficção científica. 2014.

LORDE, Audre. Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br), 10 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em 13 de julho de 2025.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018, 80p.

NAKANISHI, Débora Spacini; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. A escravidão presente na literatura afro-americana: três séculos observados. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 29, n. 2, p. 63-78, 2019.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História, São Paulo, n10, dez 1993, p.7-28;

PEREIRA, Allan Kardec da Silva. Desromantizando a História da Escravidão nos Estados Unidos: O modo trágico em Scenes of Subjection de Saidiya Hartman. Varia Historia, v. 40, p. e24025, 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma nova-velha história. Nuevo Mundo, 2006.

PINTO, Júlio Pimentel. Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Autêntica Editora, 2019.

SANDERS, Joshunda. *Interview with Octavia Butler*. In Motion Magazine, 14 mar. 2004. (Originalmente publicado em Africana.com em 24 fev. 2004). Disponível em: <https://www.inmotionmagazine.com/ac04/obutler.html>. Acesso em 28 de julho de 2025.

SCHINZARE, Romy. Ficção científica - breve panorama histórico. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 140, p. 39–62, 2024. Disponível em: DOI: [10.11606/issn.2316-9036.i140p39-62](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i140p39-62). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/223210>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SLAVERY & REMEMBRANCE. *Slavery in the Americas*. Williamsburg: Colonial Williamsburg Foundation; UNESCO. Disponível em: <https://slaveryandremembrance.org/articles/article/?id=A0011>. Acesso em: 19 julho 2025.

SMITH, Roslyn Nicole, "Medias Res, Temporal Double-Consciousness and Resistance in Octavia Butler's *Kindred*." Thesis, Georgia State University, 2007. Disponível em: [https://scholarworks.gsu.edu/english\\_theses/31/](https://scholarworks.gsu.edu/english_theses/31/). Acesso em 2 de julho de 2025.

SOUZA, Waldson Gomes de. *Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea*. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: \_\_\_\_\_. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Editora USP, 2005. p. 137-151.

ZANCHETTA, Letícia Beatriz et al. O tempo espiralar e o corpo em *Kindred*-Laços de Sangue-de Octavia Butler: formas de (re) construir memórias via Afrofuturismo. 2024.